

## DIÁLOGOS ENTRE A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E O RACISMO

DIALOGUES BETWEEN THE PERSON-CENTERED APPROACH AND RACISM

DIÁLOGOS ENTRE EL ENFOQUE CENTRADO EN LA PERSONA Y EL RACISMO

Jessica da Silva Barbosa<sup>1</sup>  
Alessandra Tozatto<sup>2</sup>  
Renato Marcelo Resgala Júnior<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresenta um breve histórico da construção do racismo no Brasil, passando pelas teorias raciais eurocêntricas, conceituando a ideia do branqueamento da população pós-abolicionismo e a negação do racismo através do mito da democracia racial. Esse mito promove o branqueamento da população e leva ao epistemicídio, onde o conhecimento produzido por pessoas negras é deslegitimado e ignorado. A psicologia também é afetada por essa realidade, com pouca produção científica sobre relações raciais. O movimento negro tem sido importante para mudar essa realidade e promover a luta antirracista na psicologia. Com base nessa proposta, o texto apresenta o negro na saúde mental a partir da Abordagem Centrada na Pessoa e dos conceitos de Carl Rogers. Além de questionar as condições empregadas por Rogers ao relatar sobre as questões que atravessam o eu, principalmente no que se refere às minorias.

642

**Palavras-chave:** Racismo. Abordagem Centrada na Pessoa. Psicologia.

**ABSTRACT:** This article presents a brief history of the construction of racism in Brazil, passing through Eurocentric racial theories, conceptualizing the idea of post-abolitionist whitening of the population and the denial of racism through the myth of racial democracy. This myth promotes the whitening of the population and leads to epistemicide, where the knowledge produced by black people is delegitimized and ignored. Psychology is also affected by this reality, with little scientific production on race relations. The black movement has been important in changing this reality and promoting the anti-racist struggle in psychology. Based on this proposal, the text presents the black in mental health from the Person-Centered Approach and the concepts of Carl Rogers. In addition to questioning the conditions employed by Rogers when reporting on issues that cross the self, especially with regard to minorities.

**Keywords:** Racism. Person Centered Approach. Psychology.

<sup>1</sup> Acadêmica em Psicologia pela UniRedentor Afya.

<sup>2</sup> Mestrado em Ensino, pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>3</sup> Docente Centro Universitário Redentor. Doutor em Sociologia Política- UENF.

**RESUMEN:** Este artículo presenta una breve historia de la construcción del racismo en Brasil, pasando por las teorías raciales eurocéntricas, conceptualizando la idea de blanqueamiento post-abolicionista de la población y la negación del racismo a través del mito de la democracia racial. Este mito promueve el blanqueamiento de la población y conduce al epistemicidio, donde se deslegitima y se ignora el conocimiento producido por los negros. La psicología también se ve afectada por esta realidad, con poca producción científica sobre las relaciones raciales. El movimiento negro ha sido importante para cambiar esta realidad y promover la lucha antirracista en psicología. Con base en esta propuesta, el texto presenta el negro en la salud mental desde el Enfoque Centrado en la Persona y los conceptos de Carl Rogers. Además de cuestionar las condiciones empleadas por Rogers a la hora de informar sobre temas que le atraviesan, especialmente en lo que se refiere a las minorías.

**Palabras clave:** Racismo. Enfoque centrado en la persona. Psicología.

## INTRODUÇÃO

O racismo é uma realidade presente na sociedade brasileira desde a chegada dos primeiros negros ao país. A exploração da mão de obra escrava esteve presente no crescimento da economia brasileira e gerou um processo de apagamento da história e da cultura afro-brasileira, além de ter consolidado teorias raciais eurocêntricas que construíram os estereótipos ainda presentes (NASCIMENTO, 1978). Atualmente, o racismo persiste em diversas formas e afeta a autoestima e identidade dos indivíduos negros. Nesse sentido, é fundamental entender a construção histórica do racismo no Brasil para combater essa realidade e promover a igualdade racial.

A história da psicologia é marcada por uma tendência eurocêntrica, que negligenciou a diversidade cultural e étnica dos sujeitos e perpetuam preconceitos e estereótipos. Logo, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, pode oferecer uma perspectiva interessante para refletir sobre a saúde mental do sujeito negro. Através dos conceitos fundamentais da ACP, como a tendência atualizante e a noção do Eu, é possível compreender a importância de reconhecer e valorizar a subjetividade dos indivíduos, independentemente de sua raça, gênero, ou qualquer outro aspecto que possa ser utilizado para discriminação (MOREIRA, 2010). No entanto, é preciso refletir sobre as limitações dessa abordagem em relação ao contexto social e histórico em que o sujeito negro está inserido, marcado por estruturas de opressão e violência. Nessa perspectiva, a teoria da personalidade de Rogers pode ser vista como um ponto de partida para pensar sobre a saúde mental do sujeito negro, mas é necessário ampliar essa reflexão para considerar as dimensões políticas, sociais e históricas que afetam sua subjetividade.

É importante reconhecer as limitações dessa abordagem diante das estruturas de opressão que permeiam a sociedade brasileira. Portanto, é necessário ampliar a reflexão para considerar as dimensões políticas, sociais e históricas que afetam a saúde mental dos sujeitos negros, a fim de promover uma abordagem mais justa e inclusiva na psicologia. O combate ao racismo é uma tarefa coletiva e permanente, e a psicologia pode contribuir para esse processo ao reconhecer e valorizar a diversidade cultural e étnica dos sujeitos, e ao promover a igualdade de oportunidades e o respeito às diferentes.

A persistência do racismo na sociedade, que afeta negativamente a autoestima e a identidade dos indivíduos negros. É apontado para a tendência eurocêntrica da psicologia, que negligencia a diversidade cultural e étnica dos sujeitos e perpetua preconceitos e estereótipos. Diante dessas questões, torna-se necessário refletir sobre: Em que medida a psicologia pode ser uma ferramenta de combate ao racismo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária? Como a abordagem centrada na pessoa pode ser utilizada como ferramenta para abordar o racismo e promover a igualdade racial na sociedade?

A psicologia decolonial questiona a ideia de que a psicologia é uma ciência neutra e objetiva. Ela propõe uma desconstrução de conceitos eurocêntricos, que foram impostos às sociedades colonizadas, e a incorporação de outras epistemologias e a posição do psicólogo como um especialista que detém todo o conhecimento sobre as experiências dos pacientes.

Reflete-se sobre Abordagem Centrada na Pessoa por meio de uma discussão racializada sobre a saúde mental do sujeito negro, onde a aplicação dos conceitos da ACP pode contribuir para a promoção da saúde mental dos indivíduos negros, através do reconhecimento e valorização de sua subjetividade e da busca pela autorrealização. No entanto, é necessário considerar as limitações dessa abordagem em relação ao contexto social e histórico em que o sujeito negro está inserido, e pensar em formas de ampliar a reflexão para incluir essas dimensões. Ademais esta abordagem, pode ser uma ferramenta eficaz para a promoção de mudanças positivas na percepção de indivíduos afetados pelo racismo, já que sua ênfase no respeito ao indivíduo pode ajudar a reduzir o impacto do preconceito na autoestima e na identidade racial.

Buscou-se por promover a reflexão e conscientização sobre questões sociais relevantes, como o debate antirracista na psicologia, visando contribuir para o combate à discriminação e para a promoção da igualdade. Além disso, incentivar a produção acadêmica e a pesquisa nessas áreas, buscando aprofundar o conhecimento e propor soluções para os

problemas identificados. Propõe-se também por refletir sobre a possibilidade de aplicação da ACP desenvolvida por Carl Rogers, para compreender e promover a saúde mental do sujeito negro, considerando as dimensões políticas, sociais e históricas que afetam sua subjetividade.

Os objetivos específicos deste trabalho são: i) Discutir a construção histórica do racismo no Brasil e suas implicações na saúde mental dos indivíduos negros. ii) Indentificar e explicar os fundamentos da ACP e sua aplicação na compreensão da subjetividade do sujeito negro. iii) Refletir sobre as limitações da ACP em relação ao contexto social e histórico do sujeito negro, apontando para a necessidade de ampliar a reflexão para dimensões políticas, sociais e históricas.

## METODOLOGIA

Com base no tema e objetivo do texto, a metodologia adotada consistiu em uma revisão bibliográfica sobre o assunto, buscando referências em livros, artigos e outras fontes confiáveis disponíveis em meios digitais e físicos.

Inicialmente, foi feita uma busca exploratória em bases de dados acadêmicas e científicas, como Scopus, Web of Science e Google Scholar, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema em questão. A partir dessa busca, foram selecionados os estudos mais relevantes e recentes, considerando sua contribuição para o desenvolvimento do assunto.

Em seguida, foram lidos e analisados os artigos, livros e outros documentos selecionados, buscando identificar as principais tendências, teorias e perspectivas apresentadas pelos autores. Foram utilizadas técnicas de análise crítica e síntese, com o objetivo de extrair informações relevantes para a elaboração do texto.

Por fim, as informações obtidas foram organizadas e sistematizadas em seções e subseções, de forma a construir uma narrativa coerente e clara, que apresentasse uma visão ampla e aprofundada sobre o assunto em questão.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### **A Importância da Compreensão Histórica para o Combate ao Preconceito Racial no Brasil**

Para entender o preconceito racial, é necessária uma melhor interpretação da chegada dos negros ao Brasil. Conforme Nascimento (1978), com a instauração da expansão marítima europeia, no século XV, houve-se a necessidade de mão de obra em virtude do processo de povoamento e exploração das terras brasileiras por Portugal. Os negros foram

vistos pelos europeus como uma proposta de solução, sendo utilizado o seu trabalho de forma escrava, por meio disto, milhares de negros foram classificados como mercadoria e importados do continente africano sendo retirados a força de sua cultura.

Ocorreu assim um apagamento da história do povo negro, sobre as mazelas dos tráficos negreiros que exigiam o reconhecimento de uma nova identidade, cultura e histórias. Por inúmeras vezes o tema escravidão é ocultado e não é conectado ao racismo. Essa violência percorre por uma série de acontecimentos brasileiros que respigam ainda sobre a atualidade. De acordo com Florestan Fernandes (1960), existe o “preconceito de ter preconceito”, o efeito de jogarmos para o “outro” a discriminação praticada, este discurso ainda se apresenta atualmente pois não se assume a culpa de algo negativo para si mesmo.

No final do século XIX, também foram consolidadas teorias raciais eurocêntricas, desenvolvidas a partir do racismo científico, que dissipam a raça negra como inferior. Nestas teorias a miscigenação era considerada a degeneração da espécie humana e a eugenia<sup>4</sup> foi incentivada à construção de uma espécie pura e evoluída contribuindo para o aniquilamento da população mestiça (SCHWARCZ, 1993).

No período pós abolicionista, o branqueamento da população foi incentivado mais por motivos fenotípicos do que genotípicos, promovendo a perda da identidade africana (DOMINGUES, 2002). Contudo foi na década de 1970, que o movimento negro no Brasil enfrentou o mito da democracia racial, que afirma a inexistência da desigualdade racial brasileira, segundo Nascimento (1978, p.70) este conceito se sustentava sobre a ideia de que negros e brancos possuíam os mesmos direitos sem quaisquer interferências da etnia. Nesse sentido foi promulgada a ideia de que as relações raciais no Brasil eram harmoniosas sendo irreal o problema do racismo tornando o mesmo justificado através da escravidão (WESTRUP; BECKER, 2020).

Provoca-se o questionamento: Como lutar contra algo que até então era inexistente? Este debate ainda persiste sobre a atualidade, Nilma Lino (2002) afirma que o racismo desestrutura nossos processos identitários reproduzindo marcas negativas no indivíduo. Entretanto, este processo é rizomático, que de acordo com Deleuze e Guatarri (1995, p.15) se trata de “qualquer ponto é e pode ser conectado a qualquer outro [...] e cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação diversos, cadeias biológicas, políticas,

---

4 A eugenia é a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras. O termo foi criado pelo cientista inglês Francis Galton (1822 - 1911), em 1883. A palavra eugenia deriva do grego e significa "bom em sua origem ou bem-nascido".

econômicas, etc.” Sendo assim quando pensamos no racismo como uma estrutura, trata-se de uma questão estruturante de si e do outro formando o sujeito negro sobre uma identidade personificada dos aspectos reprimidos na branquitude (SÁ; MAGALHÃES, 2022).

Em uma sociedade racista são realizadas inúmeras tentativas para a inferiorização da pessoa negra, desde as características físicas até as intelectuais, se estabelecem padrões de perfeições que são baseadas sobre o corpo branco (GOMES, 2003). A classe dominante estabelece seu silêncio sobre o pacto da branquitude que promove o apagamento da história e da cultura afro-brasileira (AMBROSIO et al., 2022).

Pensando a identidade a partir da relação com o outro, Gomes (2003) afirma que a identidade negra ocorre por meio de processo sociais e históricos, portanto, não é inerente ao sujeito. Logo, é necessário objetos de representatividade para que ocorra o seu desenvolvimento, além disso os impactos do racismo para autoestima e formação do indivíduo são inúmeros. Na música Autoestima, cantada por Baco Exu do Blues (2022), no verso “foram 25 anos pra eu me achar lindo”, o cantor negro revela o tempo no qual levou para se sentir bonito. Essa constante desvalorização pode levar a uma falta de autoestima e autoconfiança nas pessoas negras, que muitas vezes são levadas a acreditar que não são boas o suficiente, que não têm as mesmas oportunidades que as pessoas brancas e que não são aceitas pela sociedade. A discriminação racial pode fazer com que pessoas negras busquem uma aparência que se aproxime mais dos padrões brancos, acreditando que assim serão mais aceitas e respeitadas (BERTH, 2018).

Além disso, a busca incessante pela aprovação alheia e pela perfeição pode levar a um apagamento da identidade negra, como se ser negro fosse algo a ser escondido ou negado. Isso pode levar a uma perda da autoestima e da autoconfiança, já que a pessoa não está aceitando a sua verdadeira identidade e está buscando se encaixar em padrões que não correspondem à sua realidade.

O autoconhecimento faz com que nós possamos nos identificar, porém com a violência racial reforça o discurso punitivista de que o sujeito negro deve se manter na posição inferior, através das relações de poder essa narrativa é fomentada. Berth (2018) associa os conceitos de poder definidos por Hannah Arendt (2001) e Michel Foucault (1979, p.165) para formular a compreensão de autoconhecimento entre os a classe minoritária. Arendt descreve que o poder não é apenas a influência e habilidade do sujeito conduzir as suas relações, mas também a forma na qual ele age para manter o grupo unido. Enquanto

Foucault declara que o poder não está somente sobre as relações institucionais e ultrapassam o nível estatal fazendo parte de todas as esferas da sociedade, o autor ainda complementa que “[...] é impossível viver fora das relações de poder.”

O racismo enfrenta diferentes locais, tempos e teorias, permanece se reinventando na sociedade. A sua materialização se aperfeiçoa conforme os contextos históricos, a cor de pele, características físicas e os estereótipos que expressam o discurso elaborado sobre o jogo de poder.

### **O Silenciamento Sobre a Temática Racial na Psicologia**

Um processo derivado do mito da “democracia racial” presente na formação intelectual, social e cultural do sujeito e da sociedade, é o branqueamento ou embranquecimento que foi incentivado por meio da miscigenação durante o período colonial e sustentado sobre a pressão da hegemonia branca (CARONE; BENTO, 2014). A estética exerce uma forte influência neste conceito, onde a cor branca é vista como um indicador de status superior na sociedade. Conseqüentemente, há uma grande pressão para que os corpos negros se submetam a processos químicos e alterações estéticas em seus cabelos (ARAÚJO, 2020).

O embranquecimento provoca também o epistemicídio, onde toda uma episteme, ou seja, conhecimento, saber, linhas teóricas e quaisquer produtos de construção do saber, é morta. A fim de cristalizar a elaboração de conteúdos acadêmicos que abrangem uma história, Sueli Carneiro (2005, p.60) afirma que:

Em sua versão mais contemporânea nas universidades brasileiras, o epistemicídio [...] se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro. Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações raciais e dialoga entre si, deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema. Isso é claramente manifesto nas listas bibliográficas utilizadas onde, via de regra, figuram autores negros não-brasileiros, ou no fato de quão poucos intelectuais negros brasileiros alcançaram prestígio nacional e internacional.

Isto é, sustentado sobre este conceito, as formações acadêmicas transitam por uma formação racista e que não prezam pela integralidade dos sujeitos. Pensando nisto, a psicologia, uma ciência sobretudo humana, deve fortalecer os seus debates por uma sociedade antirracista.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) por intermédio da cartilha de Relações Raciais: referências Técnicas Para a Atuação de Psicólogas(os) lançada em 2017, admite o silenciamento sobre a temática, conforme o texto abaixo:

Todos os revisores, sem exceção, notaram a escassa produção entre as(os) psicólogas(os) sobre relações raciais, o que indica que a negação da temática na sociedade tem sido repetida na Psicologia, ainda que os artigos publicados colaborem significativamente para a discussão do tema dentro (e fora) do universo psi. (CFP, 2017, p. 84).

Por meio deste viés, o movimento negro através de organizações não governamentais como o Instituto AMMA Psique e Negritude e Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) são fortes atuantes na discussão sobre racismo, sexismo e interseccionalidade além de desenvolverem projetos que articula a promoção de uniformidade política (CFP, 2017).

O instituto AMMA Psique e Negritude e o CEERT foram grandes revolucionários para o movimento negro na psicologia, através das suas representantes Maria Lucia da Silva e Maria Aparecida Silva Bento e com a psicóloga Maria de Jesus Moura do Observatório Negro que pressionaram a Comissão de Direitos Humanos do CFP a se situar politicamente na luta antirracista.

Logo após em 2002, por meio também das Comissões dos Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP) foi lançada a primeira campanha “Preconceito racial humilha, a humilhação faz sofrer” e no mesmo período Maria de Jesus Moura, membro da Comissão de Direitos Humanos do CFP, recomendar normas de orientação para um atendimento psicológico livre de preconceitos (CFP, 2017).

No mesmo ano do lançamento da primeira campanha foi lançado também à Resolução nº 018/2002, assinado por Odair Furtado, a norma apresenta os principais artigos:

I)O Psicólogo colabora na criação de condições que visem a eliminar a opressão e a marginalização do ser humano. II) O Psicólogo, no exercício de sua profissão, completará a definição de suas responsabilidades, direitos e deveres de acordo com os princípios estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (CFP, 2002).

A partir da Resolução nº 018/2002 foi proporcionado o desenvolvimento de práticas que realizassem o reconhecimento de caráter político, econômico, teórico, jurídico e social sobre o agente racismo como um causador de sofrimento psíquico (CFP, 2002).

Além disso, os movimentos estruturantes que lutam fomentando ações e estudos sobre o enfrentamento do racismo ampliam o debate no CFP. A Articulação Nacional formada por Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP) se compromete



por fortalecer a política nacional de saúde mental através do panorama antirracista, com o objetivo de defesa da vida e saúde psíquica de qualidade do povo negro. No I Fórum ANPSINEP foi discutido sobre a agenda política de saúde mental e de luta contra as violências raciais no propósito atuante da Psicologia dentro dos serviços públicos de saúde, saúde mental, assistência social, educação, segurança pública e sistema de justiça (CFP, 2017).

Ademais, foi somente nos anos 2000 que o Sistema Conselhos considerou abordar o debate sobre o racismo, porém a Resolução nº 018/2002 apresentou uma psicologia coletiva que pretende atender o sujeito dentro de suas singularidades. É necessário maior estimulação de estudo sobre o tema dentro das universidades, e uma prática de atuação exercida sobre o antirracismo.

A busca pela construção de reflexões consistentes sobre a subjetividade do sujeito negro através das abordagens psicológicas é um campo em constante evolução e transformação. Desde as primeiras reflexões sobre a psicologia negra no Brasil, algumas abordagens têm se destacado pela contribuição na compreensão da subjetividade do sujeito negro. De acordo com Silva (2013, p. 34), a psicologia deve ser questionada quanto ao seu papel na transformação da realidade e na prestação de serviços à população. Algumas questões importantes ainda são levantadas por Silva, tais como: "A quem serve a psicologia? As práticas e teorias psicológicas estão alinhadas com as demandas da população?". Esses questionamentos sugerem a possibilidade de a psicologia estar comprometida com a manutenção de um status quo moderno que perpetua as experiências de colonialidade do poder, do saber e do ser.

Embora as leis e diretrizes curriculares na área da educação tenham gerado mudanças significativas, é necessário que tais mudanças sejam refletidas na formação de profissionais que não neguem mais a possibilidade de considerar a subjetividade negra na prática de cuidado. A educação em psicologia tem sido ministrada por meio de leituras e debates em sala de aula que não abordam a nossa realidade como negros, o que leva os psicólogos a agir constantemente de um ponto de vista externo, utilizando ferramentas de outras origens (RUDIO, 1975). O profissional acaba fazendo analogias com ideias e conceitos que são importados de outras regiões, o que resulta em uma falta de compreensão sintomática da população brasileira e suas formas de resistência cultural e política, como quilombos, comunas, insurreições, conjuras e revoltas. A pesquisa deve considerar todos esses aspectos da população brasileira para promover o reconhecimento de sua história e cultura.

Para a psicologia ser efetiva em lidar com a realidade da população negra, é necessário que ela adote uma abordagem aterrada que leve em conta os modos de existência da comunidade. Muitos psicólogos são treinados para pensar e agir com conceitos universais e abstratos, que muitas vezes não correspondem à realidade das comunidades afrodescendentes e indígenas em contextos como o SUAS, o SUS, o sistema prisional, a escola e o campo de trabalho. Portanto, é importante que a psicologia se adapte a essa realidade e adote uma abordagem mais sensível e contextualizada para lidar com essas comunidades.

### **A Importância da Saúde Mental na População Negra: Reflexões a Partir da Abordagem Centrada na Pessoa**

Através da Abordagem Centrada na Pessoa e por meio dos conceitos de Carl Rogers, pretende-se refletir sobre o sujeito negro na saúde mental. A partir dos pressupostos desta abordagem psicoterapêutica, Rogers disserta sobre a Abordagem Centrada na Pessoa, "ela estabelece a concepção de pessoa como unidade indivisível, que incorpora tudo que a cerca e possui recursos próprios internos para seu desenvolvimento." (ALVES; LIMA, 2012, p. 64). Para melhor compreensão da teoria é necessário a ciência dos conceitos fundamentados por Carl Rogers onde,

[...] organismo é a totalidade do indivíduo compreendida pela unidade biopsicossocial; self e experiência, sendo self a imagem ou ideia que o indivíduo tem de si, como retrata sua identidade e experiência, o momento de contato imediato com qualquer tipo de fenômeno e os sentimentos despertados nesta vivência, antes mesmo de se tornarem conscientes (representados, simbolizados). (*Ibidem*, p.64).

Por meio dos conceitos básicos da ACP e por meio da teoria da personalidade, Rogers se aprofunda nos conceitos de noção do Eu. Mediante a uma estrutura de percepção, este conceito exibe sua formulação, ou seja, trata-se de um conjunto organizado e mutável de interpretações relativas ao próprio indivíduo (self). Isto engloba as características, atributos, qualidades, defeitos, limitações, valores, e relação que constituem parte da identidade do sujeito (ROGERS; KINGET, 1977). Por intermédio da tendência atualizante, um dos principais conceitos da Abordagem Centrada na Pessoa, onde "todo organismo está animado por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e desenvolvê-las de modo que possa favorecer a sua conservação e o seu enriquecimento". (ROGERS, 1966, apud RUDIO, 1975). O autor apresenta por meio desta definição, que todas as pessoas possuem destreza para o crescimento, independente de raça, gênero, geolocalização ou

qualquer outro determinante. Se opondo ao determinismo psíquico da psicanálise Freudiana e ao mecanismo da Teoria Cognitivo Comportamental, Rogers afirma que o indivíduo em sua essência é positivista e possui tendência à autorrealização (RUDIO, 1975).

Ainda sobre a noção do self ou Noção do “Eu” refere-se a uma estrutura relativa que se forma sobre a dialética entre o meio e o sujeito, em contato com a sociedade. Segundo Rogers (2009) a pessoa possui características do meio em que vive sendo este notável em seu comportamento. O racismo forma e deforma as nossas relações, faz parte das estruturas sociais e contribui de forma negativa para a subjetividade dos sujeitos. Entende-se que ele se torna intrínseco a nós, porém não pode ser reduzido apenas a este fator. É necessário a reflexão sobre as estratégias de minimização desta violência.

É possível questionar as condições empregadas por Rogers, ao relatar sobre as questões que atravessam o Eu, principalmente sobre o fato de que para ele ser pessoa é ir de encontro a sua experiência de forma harmônica entre o self, organismo e cultura (ROGERS, 1992).

Reflete-se sobre esta teoria, sob uma perspectiva onde o Eu, é negro, o Eu é mulher ou o Eu faz parte de uma classe minoritária, é relevante neste momento pensar sobre o conceito de alteridade, onde Alvim (2019), descreve a relevância do conceito, sendo ele uma forma de reconhecimento e cuidado com outro. A autora relata também sobre o “não direito à existência igualitária”, logo esse existir dentro da própria inexistência social seria o fator principal a ser argumentado acerca da teoria rogeriana (ALVIM, 2019).

Diante disso, questiona-se as noções de ser negro em uma sociedade racista, demarcada pelo apagamento da cultura e a omissão de sua história, onde as relações são constituídas por estereótipos e a identidade é cristalizada, sendo isto, consequência dos mecanismos de opressão. Torna-se negro para Fanon (1952), depende do olhar do outro, o olhar do homem branco colonizador e dos discursos que envolve o que o autor chama de esquema corporal básico.

O autor ainda afirma que devido a esses conflitos em que o corpo negro é marginalizado levam o indivíduo a uma “crise”, em que o retira da sua consciência identitária e afeta a sua vivência. Neste contexto remete-se também aos pensamentos de Grada Kilomba, onde este formato de relacionamento silencia o outro e o ausenta de sua própria voz pois não tem o poder da fala, sendo retirado da posição de sujeito e situado a ser objeto (KILOMBA, 2019). Ao que se refere aos mecanismos opressão, Rogers (1986) alega que os indivíduos devam confrontar, do seu modo, as adversidades das situações para que

ocorra a mudança, em oposição à relação vertical e hierárquica e por defender que é através da comunicação que se cria uma relação mútua e edificadora de conflitos e responsabilidades. Rogers concluiu que não pode haver a superioridade de um grupo em relação ao outro, além de concordarem que para que haja transformações individuais é necessário desenvolvimento coletivo.

Ao que se refere a Tendência Atualizante, Rogers relatava sobre um ambiente adequado para que ela pudesse se desenvolver. Em nosso dia-a-dia é necessárias algumas atitudes que facilitem o desenvolvimento da tendência atualizante ao que Rogers chamou de atitudes facilitadoras (KINGET; ROGERS, 1975). Conforme Gusmão (1999), é necessário a união de todas as pessoas e uma mobilização integral para que haja diminuição da opressão, buscando o crescimento coletivo.

Conforme apresentado nas discussões ao longo do artigo, é visto que para ocorrer essa evolução, não há possibilidade sem uma discussão política. Sobretudo, quando os indivíduos são os principais alvos devido a questões de raça, classe ou gênero, se faz necessário a construção de saídas que diminuam os riscos desses corpos em um contexto que os amedrontam e os colocam em situações de vulnerabilidade. A luz de Paulo Freire que cita “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, dito isso, o oprimido pode se tornar opressor caso não haja a construção de um senso crítico (FREIRE, 2017). Através desta concepção de oprimido/opressor descrita por Freire, reflete-se sobre os caminhos adotados por Carl Rogers na ACP, onde o pensamento freiriano afirma que compete ao oprimido a compreensão sobre a opressão e com base nisso desenvolver o seu pensamento sobre a ação-reflexão que deve ser estimulada principalmente no ambiente educacional, procurando a fuga da alienação (ALMEIDA; RUFINO, 2018).

Visto que dentro do contexto específico da Psicologia Humanista, especialmente a ACP, existe um ideal político presente nos conceitos da abordagem, onde se prega por um ambiente neutro, e seus princípios são preservados em comunidade, buscando reorganizar as relações através da horizontalidade. Contudo, torna-se árduo o caminho da neutralidade em uma sociedade movida por opressão, Freire e Guimarães (2005, p.159-160) ainda comparam alguns mitos dessa estrutura de opressão:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o

número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que conseguem permanecer nela é irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o "sabe com quem está falando?" ainda é uma pergunta dos nossos dias. (..) O mito a propriedade privada, como fundamento do desenvolvimento da pessoa humana, desde, porém, que pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade "ontológica" destes e o da superioridade daqueles.

Em outras palavras, o propósito de apresentar este trecho do livro *Pedagogia do Oprimido*, é justamente refletir sobre o pensamento de Carl Rogers na configuração da metodologia da ACP, a cultura negra é marcada por seu histórico de opressão e vivência em sua realidade as marcas deixadas pela colonização. Fanon (1952) questionou sobre a possibilidade da psicanálise explicar o indivíduo negro devido as condições sociais em que foram apresentados os estudos da neurose, questiona-se aqui sobre a abordagem centrada na pessoa, por quais meios ela traça uma abordagem centrada no homem negro? Homem este, submetido às condições de violência histórica.

Ademais pensando em uma prática da ACP com base na reorganização dos pensamentos rogerianos para um contexto moderno foi realizado em 1982, o I Fórum Internacional da ACP, no México, durante os encontros promoveu a discussão de uma ACP que visasse os latinos-americanos (FONSECA, 1994). Para que houvesse a desconstrução dessa ACP estadunidense e descrita sob princípios colonizadores, foram desenvolvidos fóruns e eventos internacionais buscando por alcançar na abordagem diferentes fases do pensamento rogeriano, mostrando que se trata de uma perspectiva dinâmica contudo em sua teoria original há falta de uma visão coletiva (MOREIRA, 2010).

Identificada como fase pós-rogeriana pensou-se por um método que valorizasse o atual contexto, pois as concepções de Rogers trata-se de uma realidade remota, logo é necessário a releitura dos seus pensamentos conforme o mundo contemporâneo, dado que é necessário "elaborar novas formas de relacionamento mais autêntico, consciente e situado aos problemas sociais do Brasil e aos mecanismos alienantes que atuam sobre a pessoa" (FEITOSA; BRANCO; EMANUEL MEIRELES., 2017). Por conseguinte, edificar os seus conceitos e promover um pensamento abrangente capaz de ser utilizado em todos os contextos sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado o racismo no Brasil tem raízes profundas na história do país e tem sido sustentado por teorias raciais eurocêntricas, pela ideia do branqueamento da

população pós-abolicionismo e pelo mito da democracia racial. Isso promoveu o branqueamento da população e levou ao epistemicídio, onde o conhecimento produzido por pessoas negras é deslegitimado e ignorado. Infelizmente, isso também afetou a psicologia, com pouca produção científica sobre relações raciais.

No entanto, o movimento negro tem sido importante para mudar essa realidade e promover a luta antirracista na psicologia. A Abordagem Centrada na Pessoa e os conceitos de Carl Rogers podem ser uma base útil para entender as questões que atravessam o eu e para lidar com a saúde mental dos negros.

Devemos questionar as condições empregadas por Rogers ao relatar sobre as questões que atravessam o eu, principalmente no que se refere às minorias, e trabalhar para criar uma psicologia mais inclusiva, antirracista e que valorize o conhecimento produzido por pessoas negras. É fundamental que os profissionais da psicologia reconheçam a importância de abordar a questão do racismo e trabalhem para promover a justiça racial em suas práticas clínicas, pesquisas e ações comunitárias.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. G. R. DE; RUFINO, E. DE A. Perspectiva Terapêutica da PedagogiaDo Oprimido De Paulo Freire: uma leitura fenomenológico-existencialista. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 2, n. 1, p. 38-46, 4 abr. 2018.
- ALVES, V. L. P.; LIMA, D. D. O. Os Primeiros Passos no Processo de Tornar-se Psicoterapeuta sob o Referencial da Abordagem Centrada na Pessoa. **Rev. bras.Psicoter.**, p. 62-75, 2012.
- ALVIM, M. B. A Gestalt-terapia na Fronteira: Alteridade e Reconhecimento comoCuidado. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, p. 880-895, 2019.
- AMBROSIO, L. et al. Cabelos Crespos, tranças e BlackPower: Reflexões sobre o Adoecimento de Mulheres negras, autoestima e empoderamento. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisador s Negr s - ABPN**, p. 453-477, 30 maio 2022.
- ARAÚJO, L. L. S. DE. **Virgínia Leone Bicudo, Neusa Santos Souza e Lélia Gonzalez: Numa Encruzilhada Vozes de uma Psicanálise Brasileira e Descolonizada**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade Federal deUberlândia, 2020.
- ARENDRT, H. **Sobre a violência** . 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, , 2001.BERTH, J. **O que é Empoderamento?** 1<sup>a</sup> ed. Juiz de Fora: Letramento, 2018.
- BLUES, B. E. **Autoestima. QVVJFA? Records**, 2022. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/autoestima/>>. Acesso em: 13 mar.2023

CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como não-ser como Fundamento do Ser.** Tese de Doutorado - São Paulo: Universidade De São Paulo, 2005.

CARONE, I.; BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.**, p.22-58, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP n.º 018/2002, de 19 de dezembro de 2002.** Brasília, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogos/os.** Brasília. Conselho Federal de Psicologia, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1

DOMINGUES, P. J. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 24, n. 3, p. 563-600, 2002.

FANON, F. **Medicina e Colonialismo.** Parnaíba: Terra Sem Anos, 2020. FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: Edufba, 1952.

FAUSTINO, D. M. **Políticas de saúde/saúde mental no Brasil e os movimentos negros.** NUPLIC-PUC-SP (Núcleo de Pesquisa em Lógicas Institucionais e Coletivas); NUPRA (Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Estéticas e Política); PSOPOL-IPUSP, (Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política).

656

YouTube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1bDh831U5ro>>. Acesso em: 15 abr. 2023

FEITOSA, E. A. L.; BRANCO, P. C. C.; VIEIRA, E. M. **Notas sobre a visita de Carl Rogers ao Brasil: uma revolução silenciosa.** Rio de Janeiro *Estud. pesqui. psicol.*, 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812017000200020&lng=es&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000200020&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 16 abr. 2023

FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes.** 6ª ed. São Paulo: Contracorrente, 1960.

FONSECA, A. L. **De Oaxtapec ao Nordeste da América do Sul: O Encontro Latino Americano da Abordagem Centrada na Pessoa,** 1994 .

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Diálogos sobre o vivido: diálogos entre Sérgio Guimarães e Paulo Freire**”. 23. Educação, Sociedade e Culturas, 2005.

GALTON, F. Herancia y eugenesia. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

GALVÃO, B. A. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuitio**, v. 7, n. 1, p. 157, 13 jun. 2014.

GODOY, C. L. DE. **Contribuições da práxis de Frantz Fanon e Franco Basaglia à luta antimanicomial brasileira.** Trabalho de Conclusão de Curso—São Paulo: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção de beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p.75–85, ago. 2003.

GUSMÃO, S. M. L. **Ousando ser feliz: temas de psicologia humanista.** Pernambuco: Universitária, 1999.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** 1. ed. Riode Janeiro: Cobogó, 2019.

MOREIRA, V. Revisitando as Fases da Abordagem Centrada na Pessoa. **Estudos de Psicologia**, v. 27, p. 537–544, 2010.

NASCIMENTO, A. DO. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado.** 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectivas, 1978.

ROGERS, C. **Sobre o Poder Pessoal.** São Paulo: Martins Fontes, 1986. ROGERS, C. **Terapia Centrada No Cliente.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. ROGERS, C. **Torna-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROGERS, C.; KINGET, M. S. **Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia não diretiva.** Belo Horizonte: Interlivros, 1977. v. 1<sup>o</sup>

RUDIO, F. V. **Orientação não-diretiva: na educação, no aconselhamento e napsicoterapia.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

SÁ, R. L.; MAGALHÃES, H. V. Rizoma e racismo. **Revista Letra Magna**, v. 18, n.29, p. 22–33, 13 mar. 2022.

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questões Raciais no Brasil 1870-1930.** 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WESTRUP, C.; BECKER, T. B. Racismo e a Perspectiva Decolonial: Análise das Teorias Raciais No Brasil a Partir do Século XIX. **Anais do Seminário Internacionalem Direitos Humanos e Sociedade**, 2020.